

SARTRE E A MÁ-FÉ NA ORIGEM DA CONSCIENCIA

João Flávio de Almeida¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é evidenciar, a partir da filosofia da consciência de Sartre, a presença da má-fé não apenas no nível reflexivo da consciência, mas também em níveis mais fundamentais de seu funcionamento, a saber, nos níveis irrefletido e pré-reflexivo da consciência. Consequentemente, a aparição da má-fé se apresenta, afinal, como uma condição mesma do puro movimento da consciência, o que a lança para além de seu caráter estritamente ético, pois nos níveis mais fundamentais da consciência este autoengano se constitui como uma das condições para que a consciência negue a liberdade de sua incompletude e se lance no mundo na tentativa de se totalizar.

PALAVRAS-CHAVE: Sartre, má-fé, liberdade, consciência, ego.

ABSTRACT

The aim of this article is to highlight, from Sartre's philosophy of consciousness, the presence of bad faith not only at the reflective level of consciousness, but also at more fundamental levels of its functioning, namely at the unreflective and pre-reflective levels Of consciousness. Consequently, the appearance of bad faith appears, after all, as a very condition of the pure movement of consciousness, which throws it beyond its strictly ethical character, for in the most fundamental levels of consciousness this self-deception constitutes one of the conditions So that consciousness denies the freedom of its incompleteness and launches itself in the world in the attempt to totalize.

KEYWORDS: Sartre, bad faith, freedom, conscience, ego.

¹ Doutorando pelo programa de Ciência, Tecnologia e Sociedade, na UFSCar - 2015/2017. Pesquisa em Estética da Arte a partir dos conceitos de Michel Pêcheux. Mestre pelo programa de Ciência, Tecnologia e Sociedade, na UFSCar - 2012/2013.

INTRODUÇÃO: A ORIGEM CONCEITUAL DA MÁ-FÉ

A filosofia de Sartre tem no conceito de liberdade seu fundamento principal, e dele decorrem outros conceitos igualmente caros à sua teoria. Da liberdade decorre a angústia e dela a má-fé, o conceito que mais interessa a este texto. Fica evidente, no entanto, a impossibilidade de se falar em má-fé sem tocar em consciência, liberdade e angústia. Assim, o objetivo deste artigo é discutir a concepção de consciência que Sartre faz em o “O ser e o nada” (2007) tentando observar seu funcionamento para além do caráter ético, mas também no nível de seu movimento mais fundamental, irreflexivo, onde a ética ainda não pode habitar.

Em Sartre a consciência é concebida em três tipos de funcionamentos: o irrefletido, o pré-reflexivo e o reflexivo. O primeiro grau apresenta uma consciência de mundo que é consciência posicional do mundo e não posicional de si, ou seja, apenas o mundo está em questão para a consciência nesse momento. O segundo nível (pré-reflexivo) ocorre quando surge na consciência outra consciência que põe como objeto aquela primeira, que até então era apenas consciência de um objeto transcendente, e a faz objeto para a consciência reflexiva. Ou seja, neste nível a consciência toma consciência de si tomando consciência irrefletida do mundo. Este segundo movimento, contudo, ainda não constitui uma consciência posicional de si mesma. Será apenas no terceiro grau da consciência, o reflexivo (este não necessário), que a consciência será capaz de se transcender de forma tética e ética e, enfim, constituir um ‘Eu’.

O Eu que é apreendido e constituído pela consciência reflexiva é precisamente o Eu da consciência (ir)refletida (evidentemente tendo sofrido uma mudança radical caracterizada pelo surgimento do Eu, melhor chamá-la então consciência refletida simplesmente).

Mostrando que não há um ‘Eu’ no plano irrefletido, Sartre anseia evidenciar que o ego não pode ser definido como uma substância pensante que habita a consciência, nem como uma interioridade passível de ser analisada. O si só pode ser um puro movimento de reflexão sobre si mesmo e o mundo, ou seja, apenas a consciência, e não um ‘Eu’, pode ser a fonte de si. Surge, diante da consciência reflexiva, um novo tipo de objeto que não se encontra no mesmo plano da consciência irrefletida: o ‘Eu’. O ‘Eu’ é a consciência pré-reflexiva que se torna opaca apenas quando este segundo nível é transcendido pelo terceiro nível. Ou seja, apenas a consciência, já no terceiro nível (reflexivo), pode fazer nascer o ‘Eu’, igualmente transcendente, mas não no mesmo plano da consciência irrefletida. Ao final dessa operação

conceitual Sartre nos mostra que não havia ‘Eu’ na consciência irrefletida, apenas consciência dos objetos percebidos; mas também não havia ‘Eu’ na consciência pré-reflexiva. Isso lhe permite afirmar: *“Uma vez apreendidos ateticamente estes resultados, posso agora fazê-los objeto de uma tese e declarar: não havia Eu na consciência irrefletida”* (SARTRE, 1994, p.51). Fica evidente, portanto, que em Sartre a consciência e o ‘Eu’ são instâncias diferentes, o ‘Eu’ não aparece à reflexão como a consciência refletida, ele aparece à reflexão pela consciência refletida. Assim, o ‘Eu’ é apreendido (conhecido) pela intuição como objeto de uma evidência.

Ora, nos interessa, neste texto, observar estes três níveis da consciência diante de outro conceito ontológico de Sartre, a saber, a má-fé e sua relação com a liberdade. Em ‘O ser e o nada’ Sartre define liberdade a partir da aceção de que nada pode proteger a consciência dela mesma: está sozinha, separada do mundo, do passado, do futuro, de qualquer essência e de qualquer valor (ALMEIDA, 2016). A liberdade é a própria consciência. E quando a liberdade da consciência é colocada em questão pela própria consciência, surge a angústia. Este movimento de reflexão leva a consciência a perceber que é dela mesma que nasce qualquer sentido para a vida, logo, sentidos livremente criados e recriados que não se originam do mundo e sim da relação da consciência com o mundo. Assim, livre e sozinha, a consciência percebe também que não há nada que assegure que suas escolhas serão boas para ela mesma, nem pode garantir que serão mantidas por ela mesma.

Toda essa insegurança vertiginosa da consciência diante de si mesma gera aquilo que Sartre designa como angústia, um desconforto ontológico que aflige a consciência. Por algum motivo, que discutiremos melhor no decorrer deste artigo, a consciência tenta negar e dissimular sua própria angústia, o que se caracteriza como um movimento de má-fé. Contudo, a consciência até pode tentar fugir para ignorar, no entanto não pode ignorar que foge. Assim, *“a fuga da angústia não passa de uma forma de tomar consciência da própria angústia”* (Sartre, 2007, p.89). Ou, em outras palavras, a consciência tenta mentir para si mesma sobre a angústia que a aflige.

Faz-se importante destacar que a proximidade semântica entre as palavras má-fé e mentira não se sustenta na teoria sartreana, que coloca estes dois conceitos em níveis conceituais diferentes. A mentira implica que o mentiroso conheça, de alguma forma, a verdade que omite ou corrompe (Sartre, 2007, p.102). A má-fé, por outro lado, pressupõe uma ação negativa da consciência sobre ela mesma, uma vez que neste caso a consciência precisa esconder dela mesma um movimento decorrente dela mesma, um autoengano. Em outras

palavras, na má-fé o mentiroso, conhecedor da verdade, impõe a si mesmo uma mentira sobre o desconhecimento da verdade, logo, sabe que é mentiroso, torna-se ciente de sua tentativa de se auto enganar. Evidentemente esta tentativa recai em fracasso (Sartre, 2007, p.103).

Fica evidente, portanto, que em Sartre a má-fé é tomada como um recurso negativo da consciência diante de sua própria incompletude. *O ser humano não é somente o ser pelo qual se revelam negatividades no mundo. É também o que pode tomar atitudes negativas com relação a si* (SARTRE, 1997, p.92). Esta afirmação de Sartre permite duas considerações preponderantes para este artigo: a primeira diz respeito ao caráter moral e valorativo que Sartre atribui à má-fé, e a segunda aborda o posicionamento teórico da má-fé como uma atitude consciente, uma escolha que se dá no plano reflexivo da consciência. O que pretendemos neste artigo é propor que o funcionamento da má-fé também ocorre em outros níveis da consciência, estes mais fundamentais; o que nos conduziria, afinal, a repensar toda a negatividade ética atribuída à má-fé.

A MÁ-FÉ EM DIFERENTES NÍVEIS DA CONSCIÊNCIA

O que procuraremos ver, destarte, é o funcionamento da liberdade, da angústia e da consciência em diferentes níveis da consciência, a saber: o irrefletido, o pré-reflexivo, e finalmente o reflexivo – todos dentro do modelo de consciência proposto por Sartre. Como já descrito, faremos este percurso teórico buscando compreender de que forma a má-fé se evidencia na consciência em níveis diferentes, e como ela se mostra necessária para o próprio movimento do Para-si.

O NÍVEL IRREFLETIDO

Em *O ser e o nada* (2007), depois de algumas reflexões que investigam o problema do nada, Sartre chega a conclusões importantes para fundamentar o restante de sua teoria, qual seja, o problema do *real*. Num primeiro instante ele descreve a forma fenomenológica de olhar o mundo e as possibilidades da consciência. Conduz-se na definição do ser-em-si, de como se pode olhá-lo segundo o ponto de vista da fenomenologia em que o fenômeno é todo o ser da coisa, sem uma interioridade secreta ou um avesso, nem um ser subterrâneo às sensações humanas. O fenômeno é todo o ser da coisa, contudo não exprime nenhuma relação natural com o ser que representa, além de ser captado de forma diferente por cada

transcendência que está ao seu alcance. Desta forma, numa relação causal, podemos dizer que a coisa está ali por que algum fenômeno denunciou sua existência e presença, todavia o fenômeno que o anuncia não tem relação natural tampouco de mesma natureza com o ser do fenômeno. Na fenomenologia, portanto, o fenômeno é o *possível para a consciência*, logo, todo o ser da coisa que exprime é o fenômeno. O fenômeno é todo o seu ser, e é sua completude, por mais frágil que pareça. O ser-em-si, portanto, é. E é em si, e é o que se mostra: é o que é. O ser do fenômeno, no fenômeno de ser, é um ser estanque e completo. É pura positividade, e como plenitude é imóvel, ser-em-si coisa. Pedra. E o que falta a uma pedra? Nada.

Ora, da plenitude e da pura positividade surge, portanto, naturalmente, uma negatividade, um não-ser, uma falta por trás da plenitude. Daí despontam as origens das negações, que culminam, finalmente, no nada como pura negatividade em contraposição dialética com a totalidade. Um avesso tudo-nada, pleno-falta, positividade-negatividade. A negação não é, no entanto, um mero conceito subjetivo, de ordem estritamente abstrata, vigente apenas no campo das ideias, tais como os conceitos *espaço* e *tempo*. Ao contrário, a negação surge como possibilidade da afirmação: intentar vencer mas perder, por exemplo. E em certos casos, destino certo de um desfecho: vida-morte. Surge, portanto, o nada, como certa totalidade avessa, sua contradição. Uma plenitude de nada, uma falta completa. Eis o não-ser que é. Absurdo! É um nada que desponha como plano de fundo do ser que, se em justa medida, apresenta o ser como ser-em-si, pois que toda sua negatividade cabe justamente em sua positividade: são de mesma dimensão e todo seu ser está nele mesmo. Todo o *ser* está dentro de seu não-ser, e todo sua negatividade igualmente se justapõe com a positividade de tal existente. Tal ser é pleno em si, ser estanque, portanto - em equilíbrio. Assim, enquanto ser estável, o ser-em-si não caminha no mundo, não pensa, não age nem se angustia. Sartre vai alocar todos os seres inconscientes e inertes nesta categoria de ser, bem como o passado e tudo mais que encerra em si sua natureza (o passado enquanto em-si tem, apesar disto, poder de atuação no para-si e nos projetos futuros).

Não se pode determinar o exato instante em que o estável se desequilibra, e a totalidade se quebra. Sabe-se, no entanto, que na consciência humana há este movimento de escape de si mesma. Articulou Husserl em seu axioma que "toda consciência é consciência de alguma coisa", e mesmo quando se dobra sobre si, tal consciência se olha como se olha uma coisa: se coisifica. Nasce no homem certa negatividade que desequilibra a justamedida "ser/nada" e neste instante surge este movimento de ser, este existir, um escapar de si em

direção a algo no mundo. Assim, nesta consciência irrefletida, puramente no mundo e para o mundo, nota-se certo desequilíbrio no ser-em-si, pois todo olhar ou movimento de ser não é espontâneo, mas sim intencional, mesmo que irrefletido. A plenitude do ser, contraditória mas interdependente do não-ser, nega o nada sobre o qual se funda, e intenta escapar-lhe, na tentativa de ser. Eis o movimento do ser, chamado aqui de existência, visto que, incompleto, o ser não mais é, mas existe contingente no mundo em busca de ser. A plenitude de ser, neste instante, falta, e então o nada que fundamenta o ser se manifesta em seu âmago. O não-ser, desejando ser, se lança no mundo em busca de algo que preencha sua *positividade-negativada* e lhe restitua a plenitude de ser.

Assim, o que queremos observar neste artigo é que mesmo no nível irrefletido, ou seja, no nível imediato da consciência, manifesta-se uma negação da liberdade: uma negação da falta, um desespero diante da incompletude, um movimento natural e fundamental da consciência que parte de si e vai em busca de si nas coisas do mundo. Eis sua intencionalidade mesmo que irrefletida: buscar ser. Tal negação, neste instante, não é chamada de má-fé, por Sartre, mas assemelha-se quando o filósofo trata da negação da liberdade na consciência reflexiva.

Ora, para nomearmos como má-fé esta negação irrefletida, precisamos provar que a negação do nada é a negação da liberdade, e isto se faz facilmente. Pleno, o ser é o que é, e tão só, sem perspectivas nem movimentos no mundo. É, estanque. A liberdade de ser implica sua incompletude, num movimento livre de escape de si em busca de si. Aceitar a liberdade inaugurada pela negatividade no âmago da consciência implicaria aceitar ser como é, em falta, uma ferida perenemente aberta no ser do existente. Neste caso, embora destotalizada, a consciência não se moveria no mundo e coagularia seu próprio caráter de existente. Sartre naturalmente enxerga e associa a liberdade com a negação do nada, contudo não reconhece a má-fé como necessária à própria existência da consciência enquanto tal, uma vez que este conceito surge em sua filosofia somente no momento da negação da liberdade na consciência reflexiva, quando do aparecimento do 'Eu', e não o insere no momento da negação da consciência irrefletida.

Assim, a má-fé, depreciada moralmente em Sartre, pode se mostrar necessária ao surgimento da consciência no nível irrefletido, sendo, portanto, vital à consciência pensante. Neste nível - da consciência irrefletida - já se pode afirmar a necessidade da negação da liberdade plena, logo, a necessidade da má-fé.

Até o momento nos interessa saber que a consciência existe em contradição necessária (mas contingente) com um não-ser que com ela coexiste, e que no instante do desequilíbrio do ser, quando o não-ser se prepondera, nasce a angústia e o desespero decorrente da presença do ser diante do nada. Assim, será a negação do nada que fará o existente se projetar no mundo em busca do ser que lhe falta. Mas isto quer dizer que a má-fé, justificada no nível irreflexivo, pode ser justificada no nível pré-reflexivo?

O NÍVEL PRÉ-REFLEXIVO

No segundo nível da consciência uma nova negação da liberdade pode ser observada. Mas por que este nível é chamado de pré-reflexivo? Por acontecer antes do surgimento do 'Eu' à reflexão da consciência, ou seja, antes de ser possível que a consciência se flexione sobre sua reflexão, se olhando e se objetivando, constituindo o 'Eu'. Logo, toda análise que se fizer deste nível da consciência também deve ser desprovida de valoração: se dá num instante súbito e absurdo da consciência, reflexo de um salto motivado por certo susto, um sobressalto, este, por sua vez, provocado pelo nada que lhe apareceu quando da destotalização do ser.

O instante da consciência pré-reflexiva, em Sartre, é um momento demasiado importante na análise do movimento da consciência. Negando o nada que lhe afrontou, a consciência irrefletida se lança ao mundo na tentativa de se constituir ser, ou seja, de se totalizar. Para Sartre a consciência é sempre este movimento no mundo: sempre escapando de si em direção a um projeto de si totalizado. No nível irrefletido, esta totalização é buscada no ser das coisas do mundo (objetos e transcendências transcendidas, objetivadas). No nível imediato e irrefletido da consciência, o Para-si, busca sua totalização no ser dos outros na intenção de se constituir um Para-si-Em-si, o que se aproxima de um projeto de ser Deus: o desejo-realizado, a falta-sanada, a destotalização-totalizada. Mas o que falta detalhar é que a consciência irrefletida não consegue, transcendendo os objetos do mundo, um fundamento para seu próprio ser. O que se dá neste primeiro nível é que, uma vez no mundo, a consciência se depara com um tipo de ser que não pode sanar sua angústia de não-ser, senão apenas abrandar. Segundo Sartre a consciência não poderá encontrar nada que seja da mesma natureza que a sua: não poderá trazer para dentro de si o ser da mesa, da árvore nem da transcendência de seu vizinho, uma vez objetivada. O projeto de *ser-pleno* através da incorporação do ser do outro será frustrado. O assombro diante do 'nada' que coagiu a consciência irrefletida a buscar no mundo um fundamento de si, agora lhe reaparece com a

mesma intensidade: 'nada' era, e 'nada' continua a ser. Mas somente quando a consciência é transcendida e objetivada por ela mesma, no segundo nível da consciência, o pré-reflexivo, é que a consciência toma ciência do fracasso de seu projeto de ser através dos objetos do mundo. A consciência pré-reflexiva se dá, portanto, quando a consciência transcende a si mesma em seu movimento de transcender o outro, e percebe seu fracasso.

Uma pergunta, neste instante da consciência, emerge de forma contraditória: a consciência, a despeito da frustração de seu projeto de ser através da incorporação do ser do outro, aceita passivamente o nada que novamente lhe afronta?

Ora, como já vimos, a consciência nega, foge e escapa de si no instante em que se depara novamente com o nada. Era nada, tenta ser, e volta, frustrada ao nada: mas não interrompe seu movimento, foge de si novamente, em direção ao ser-para-si-em-si. Esta fuga implica lançar-se novamente em movimento sobre o mundo, tentando ser (plenamente). Contudo tal movimento da consciência implica a fé de que neste próximo projeto de ser - manifestação do projeto fundamental (SARTRE, 2007, p.410), neste próximo movimento no mundo, ela finalmente alcançará plenitude. E novamente se lança no mundo, e novamente volta ao nada.

Ora, quando a consciência toma consciência da inutilidade deste movimento, e conseqüentemente toma consciência de sua fé enquanto fé, é a própria fé que se coagula, e seu movimento natural fica ameaçado. Para continuar seu movimento de existência, a consciência terá que mentir para si mesma que não tomou ciência de sua fé, será preciso um movimento de autoengano que tente apagar a primeira fé e sua opacidade diante do espelho da própria consciência.

Assim, o que pretendemos afirmar é que a má-fé também se manifesta na consciência pré-reflexiva, antes de que se dê conta e que se valorize o autoengano, ele já se patenteia na existência humana. Sem a má-fé na consciência pré-reflexiva, ela não se arrojaria novamente no mundo: aceitaria o nada e nele se alienaria; o movimento da consciência enquanto consciência se abrandaria até sua completa quietação.

O autoengano (a má-fé), portanto, está presente desde a origem da consciência irrefletida e perpassa toda a constituição da consciência pré-reflexiva e fundamenta seu movimento de existir enquanto consciência. Mas fato é que, além de presente, a má-fé é elemento constituinte da consciência. Negando, ela se lança novamente no mundo, e buscará novamente, no ser do outro, um fundamento para o seu nada de ser, e fracassará novamente, e

negará novamente o fracasso, e se lançará novamente num movimento em direção ao infinito, tentando ser.

O DESEJO COMO FALTA DE SER

Antes de passarmos ao exame da angústia no plano reflexivo da consciência, nos convém passar por um conceito Sartreano que trata da falta e do desejo (SARTRE, 2007, p.136). O filósofo insere tal conceito através de uma alegoria muito didática, a de que uma falta pressupõe uma trindade: 1) aquilo que falta, o faltante; 2) aquilo ao qual falta o que falta, o existente presente; 3) e uma totalidade que sintetiza o faltante ao existente, no caso, o faltado.

Este estudo do ser, principiado no cogito, acaba por descrever a realidade de uma forma muito instantânea, apesar de ser transcendida a todo instante. Esta transcendência do instantâneo do Em-Si nadificado no Para-si possui um fundamento muito simples, todavia esclarecedor da facticidade humana.

O Para-si é fundamento de si enquanto falta de ser, ou seja, sua existência se define por um ser que ele não é. Aqui a noção de não-ser é reinserida, contudo ampliada. O não-ser pressupõe uma trindade de seres semelhantes: o faltante, o existente e o faltado. Sartre explica usando o exemplo da lua: se digo que a lua é crescente, formulo o existente do quarto de lua, bem como o completo e faltado, a lua cheia, e por fim o faltante ao todo que é o restante não iluminado da lua. Possuem a mesma natureza, e a adição de um a outro resulta no todo. Partindo desta fórmula, se o Para-si é “falta” de ser, por haver apenas o nada em seu âmago, eis que nos surge uma trindade correlata na realidade humana.

Esta correlação é explicada pelo caminho do desejo como fato humano. O desejo não seria desejo se já fosse saciado, se seu projeto já estivesse satisfeito. Se o desejo pode ser desejo (falta) para si mesmo, ele o será transcendendo o existente, buscando o faltante rumo ao faltado. O desejo é falta de ser.

Mas como se define esta trindade nas instancias humanas de ser? O existente é o Para-Si – apesar de ser fundado no Em-si. É o Para-si enquanto nada - o imediato à consciência - sua única realidade. O faltante é um Em-si que pudesse residir em sua estrutura, e o faltado é um Em-si pleno de ser-Em-si fundido com o Para-si. A realidade humana mais fundamental é seu próprio transcender rumo àquilo que lhe falta, captando-se a si mesmo como ser incompleto. É o imperfeito que se transcende rumo ao perfeito.

Assim, este ser perpetuamente faltado que se apresenta ao Para-si é ele mesmo. “É a impossível síntese do Para-si e do Em-si” (SARTRE, 2007, p.140). O faltado é o Em-si-Para-si, ou seja, um ideal de uma consciência que fosse fundamento de seu próprio ser pela pura consciência que tomasse de si mesma. O ideal que Sartre chama de “ideal de ser Deus”: o homem é um projeto incansável e impossível de ser Deus; de desejar já concretizando.

O desejo é, finalmente - em Sartre - falta de ser. Quando o ser se vê em falta, nasce na consciência seu projeto fundamental que é ‘ser’: ser pleno. O desejo, no entanto, nasce em níveis mais basais, ainda no plano ontológico. É preciso salientar que esta dinâmica se dá nos três níveis de consciência apresentados pela filosofia Sartreana. O sujeito humano, portanto, tem por característica a impossibilidade de ser plena positividade, pois assim sendo, sua consciência não se constituiria como movimento de consciência.

Sobre este nada que fundamenta e dispara o desejo, é dele que partimos para a discussão de que o desejo de ser é também o desejo de nada ser: na medida em que o ser é contaminado pelo nada, o nada é contaminado pelo ser. É por este motivo que podemos afirmar que o movimento da consciência não é plenitude de desespero: o efêmero contato do existente com os fenômenos do mundo, e a efêmera coexistência deste com o ser das coisas, resulta em prazer e gozo, de onde escorre uma esperança que impele a consciência a se lançar no mundo novamente em busca deste efêmero. Este efêmero gozo ontológico, no entanto, tem sua efemeridade negada pela consciência, que busca no mundo uma fonte perene de totalidade para sua existência destotalizada. Não houvesse o gozo passageiro, se ele não fosse passageiro, e se a consciência não negasse sua efemeridade, a consciência não se arrojaria novamente no mesmo movimento, e seu movimento se estancaria.

O NÍVEL REFLEXIVO

Os dados anteriores nos informam que o nascimento do nada e de sua liberdade de ser, da sua angústia consequente, e a negação do nada num movimento de má-fé, é que fazem da consciência um movimento de consciência. E é isto que ela é: este movimento que parte de uma negatividade e busca ser, e esta busca se dá, finalmente, no nível reflexivo, onde finalmente a consciência é capaz de dobrar-se sobre si mesma, coisificar-se, valorar-se e, embora pelos olhos dos outros, constituir um ‘Eu’. E será somente neste nível da consciência é que Sartre insere a questão da má-fé, apresentada como uma espécie de venda da liberdade.

Sartre apresenta a má-fé, no nível reflexivo, como uma conduta negativa humana resultante da realidade paradoxal da consciência: ser livre e ao mesmo tempo negar essa liberdade. Em outras palavras, a má-fé é consciente da consciência de má-fé. A conduta de má-fé existe quando a consciência acredita tentando apagar sua própria crença, e nesse sentido a má-fé é, ela mesma, uma crença, pois ou se acredita nela ou não. Mas se a consciência representa que está agindo de má-fé, ela está adotando uma postura cínica. Se por outro lado ela consegue acreditar ser inocente de sua mentira, então falamos de uma “boa-fé”. Mas será ela, de fato, boa?

Na boa-fé a consciência parece acreditar que seu movimento busca a verdade, assim, essa conduta tem por objetivo buscar critérios originados por ela mesma. Logo, se a consciência acredita que sua ação é inocente, novamente estamos falando de uma mentira para si mesmo. Nesse sentido, a boa-fé não passa de má-fé.

Contudo, na má-fé outro tipo de verdade fica evidente. Para Sartre, existe na intenção da má-fé uma má-fé sobre a natureza da fé humana. Se o para-si é o que não é, e não é o que é, na má-fé o que se revela ontologicamente é um modo de ser onde a negação do seu próprio ser se apresenta constitutivamente. Na má-fé a consciência cria suas próprias verdades por crer na verdade de sua crença, uma dobra da fé sobre a fé que subverte e dissimula a primeira.

A má-fé, afinal, não passa de fé, tal como a boa-fé: ambos são essencialmente crença. E toda crença, afinal, se mostra como um autoengano. Para crer, a consciência precisa dissimular que crê, pois ela quer crer em algo, mas não tem certeza concreta de tal fato, a sua crença se mostra como escolha de crença, o que levaria à falência da própria crença. Para crer, a consciência precisará mentir para si mesma que foi dela que partiu a escolha livre que fundamentou a verdade do ‘fato’, e não do fato.

Assim, toda crença é insuficiente e, de fato, não se crê naquilo que quer acreditar. A consciência que crê o faz num movimento ao infinito de crença, uma apagando a anterior.

Assim, a crença é um ser que se coloca em questão em seu próprio ser, só pode realizar-se destruindo-se, só pode manifestar-se a si negando-se — um ser para o qual ser é aparecer, e, aparecer, negar-se. Crer é não crer. Vê-se a razão disso: o ser da consciência consiste em existir por si, logo, em fazer-se ser e, com isso, superar-se. Nesse sentido, a consciência é perpetuamente fuga a si, a crença se converte em não crença, o imediato em mediação, o absoluto em relativo e o relativo em absoluto. O ideal da boa-fé (crer no que se crê) é, tal como o da sinceridade (ser o que se é), um ideal de ser-Em-si. Toda crença é crença insuficiente: não se crê jamais naquilo que se crê. E, por conseguinte, o projeto primitivo da má-fé não passa da utilização dessa autodestruição do fato da consciência. Se toda crença de boa fé é uma impossível crença, há agora lugar para toda crença impossível. Minha incapacidade de crer que sou corajoso já

não me aborrecerá, pois, justamente, nenhuma crença pode crer jamais o suficiente. Definirei então como minha crença essa crença impossível. Sem dúvida, não poderia me dissimular o fato de que creio para não crer e não creio para crer. Mas a sutil e total nadificação da má-fé por ela mesma não poderia me surpreender: existe no fundo de toda fé. (Sartre, 1997, p. 117)

Se a consciência crê que está certa sem ter certeza, do mesmo modo que crê na sua crença, ela tem fé que ela é por natureza crença insuficiente, logo, “crer é não crer”. A conclusão é que a consciência, nesse aspecto, não pode crer naquilo em que acredita crer: má-fé. Neste movimento de autoengano frustrado, o objetivo da consciência reflexiva é fugir do que não é possível fugir. Em outras palavras, na má-fé o para-si foge de si crendo ser em-si o que ele é, uma “desagregação interna no seio do ser”, que é por onde a consciência busca ser.

Em termos práticos, Sartre fundamenta sua ética justamente diante deste movimento de angústia diante da liberdade. O ato de negar o caráter livre deste movimento de ser é um ato de má-fé, pois livre, sem fundamento nem certezas, imerso na angústia despertada pelo nada que o cerca, o indivíduo livre se lança numa ilusão de venda de sua liberdade ao buscar desesperadamente dar sentido e ordem à vida e ao mundo. Negar a liberdade de que se é o que se escolhe ser, seria negar o caráter fundamental da consciência: um movimento de existência, e não um ser estanque que ‘é’ *a priori* ou *à posteriori*. O existente não é nada, e o nada é. O ser não é o que é, e é o que não é, ou seja, um movimento de ser, ainda que frustrado. Para Sartre, negar esta liberdade e indeterminação do ser consiste no ato maior de autoengano.

CONCLUSÃO

O que queremos apontar, no entanto, é que a má-fé não se evidencia apenas no nível reflexivo da consciência, mas tem sua origem em níveis mais fundamentais de seu funcionamento, e que sua presença se apresenta, afinal, como uma condição mesma do puro movimento da consciência. Ao nascer, na consciência primeira (irrefletida, quando o nada destotaliza o ser), surge o primeiro instante de liberdade: nada ser é uma condição extrema de liberdade em contraponto ao ser estanque da positividade. Nada sendo, o existente pode se posicionar no mundo como ser em falta, nada sendo, finalmente. Todavia a consciência nega esta liberdade, irrefletidamente, e projeta ser. Projeto livre, sim, mas projeto de ser, de voltar à positividade da plenitude de ser, e ser estanque. Em outras palavras, é pela má-fé que a consciência nega, irrefletida, a liberdade de tudo poder-vir-a-ser, e deseja ser um. No instante

seguinte, como já vimos, a má-fé surge quando a consciência nega a frustração pelo fracasso do primeiro projeto de ser, e se lança novamente no mundo nesta busca - e busca incessante.

O que Sartre denominou de má-fé, portanto, perde, neste texto, seu caráter estritamente negativo, pois nos níveis mais fundamentais da consciência este autoengano se constitui como uma das condições da consciência enquanto movimento, e movimento livre. O que propomos é apresentar a liberdade e a má-fé como faces de um mesmo movimento. Os dois axiomas mais conhecidos da filosofia da liberdade Sartreana - *O homem é livre, só não é livre de ser livre*, ou ainda: *O homem está condenado à liberdade*, sintetizam a necessidade da má-fé para o movimento livre da consciência. E novamente nos percebemos diante de um paradoxo: parece, ao ser humano, que ao mesmo tempo em que não consegue mentir para si mesmo, ele não é capaz de parar de mentir para si mesmo. Ao mesmo tempo em que precisa mentir para si para continuar a lançar-se sobre o mundo, sua mentira se volta sempre de uma forma esmagadoramente fracassada. Mas seu movimento continua.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, J.F. Sartre e a má-fé como fundamento do direito. *Revista Argumentos*, UFC, V.14. Fortaleza, 2016.

SARTRE, J.-P. *A transcendência do Ego*. Lisboa: Colibri, 1994.

SARTRE, J.-P. *O ser e o nada. Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.